

## ISRAEL, ECO DE ETERNIDADE

*Prof. Dr. Pe. Antonio Thadeo de Oliveira Xavier\**

**Resumo:** O livro de Heschel, “Israel: an Echo of Eternity” (1967), é um eco fiel de uma tocante expressão do Talmus: “Jerusalém significa Eternidade”. Jerusalém é uma cidade carismática: Deus a escolheu e a enriqueceu com Sua presença misteriosa; os profetas, os reis, os sábios, os sacerdotes fizeram dela a cidade onde se escuta e acolhe a voz de Deus. De todo o mundo, de a cada ângulo da terra, fomos como que empurrados para o Muro das Lamentações. Heschel contempla Jerusalém que soube conservar atentos seus ouvidos para escutar os profetas. Em Jerusalém o passado é presente. Jerusalém é a ante-câmara do Paraíso. Ela é a Mãe de Israel, é uma esperança.

**Palavras-chave:** Israel, eternidade, terra, Jerusalém

**Abstract:** The Heschel’s book, “Israel: an Echo of Eternity” (1967), is a faithful echo of a pathetic expression from Talmud: “Jerusalem means Eternity”. Jerusalem is a charismatic town: God choosed it and enriched it with His misterious presence; the prophets, the kings, the wises, the priests made it the town where we listen and shelter God’s voice. From every place, from each angle of the Earth, we were as if pushed to the Wailing Wall. Heschel regards Jerusalem that knew how to preserve its ears diligent for listening its prophets. In Jerusalem past is present. Jerusalem is the forechamber of Paradise. It is the Israel’s Mother, the high hope lits hope.

**Keywords:** Israel, eternity, earth, Jerusalem

## **Introdução**

A. J. Heschel nasceu em Varsóvia, em 1907, e morreu em Nova York, em 1972. Ele aparece no cenário mundial como um dos primeiros pensadores judeus, depois da Shoáh, a falar em renovação judaica; e isto, para ele, poderá acontecer não a partir de uma nova teologia, mas no reencontro com a dignidade humana. Heschel é, portanto, um humanista; e o seu humanismo, na opinião de Kaplan, é um Humanismo Sagrado. Na opinião de Heschel, o Homem é a única entidade na natureza a quem o sagrado pode ser associado.

Heschel foi educado nos círculos hassídicos da Polônia. Fez sua formação acadêmica em Frankfurt e Berlim. Sua tese de doutorado apresenta o tema da Consciência Profética, defendida em 1933. Com essa sua Tese e com uma biografia de Maimônides, Heschel começou a se tornar conhecido no meio acadêmico, ao ponto de ter sido escolhido pelo próprio M. Buber para sucedê-lo, quando de sua transferência para Jerusalém. De fato ele aceitou tal desafio; mas quando as coisas pareciam que estavam bem, Heschel é obrigado a deixar a Alemanha, onde crescia a rejeição pelos judeus. Ele volta para a Polônia, onde fica até umas semanas antes da Invasão Nazista; Heschel consegue escapar, mas perde seus parentes em Varsóvia. No início dos anos 40 chega aos Estados Unidos. Ali começa a sua trajetória difícil mas brilhante. Escreve diversos livros, insere-se naquela sociedade, participa de caminhadas com M. Luther King, em favor do respeito à comunidade negra. Ele tinha um coração aberto para o ser humano, independentemente de sua religião. Enquanto marchava com Luther King, dizia ele, “minhas pernas tremiam em oração”.

Durante a Guerra do Vietnã, Heschel disse publicamente: “Se Abraão não hesitou em desafiar o juízo divino sobre Sodoma e Gomorra, por que um ser humano quando aterrorizado pela Guerra, não pode enfrentar o Presidente dos Estados Unidos”? Heschel manteve uma boa amizade com o Cardeal Agostinho Bea, com quem participou de diversos encontros. Conheceu o Papa Paulo VI, colaborou nas Comissões do Concílio Vaticano II. O Papa Paulo VI

tinha uma forte admiração por ele, e isso fez com que o Papa pedisse às editoras italianas que traduzissem os livros de Heschel. E mais: após sua morte, em dezembro de 1972, Paulo VI, em janeiro de 1973, cita, num discurso oficial, uma frase de Heschel, o que até então não era costume figurar em textos oficiais citações de autores não cristãos<sup>1</sup>.

### a) Uma Cidade Carismática<sup>2</sup>

Quando em nossos corações ressoa o teu nome, ó Jerusalém, é como uma harpa que começa a vibrar<sup>3</sup>. O título da obra hescheliana *Israel: an Echo of Eternity*, quer ser um eco fiel de uma tocante expressão que figura no Talmud: «Jerusalém significa Eternidade». Arturo Lorini<sup>4</sup>, na introdução à tradução italiana do referido livro, escreve:

Se aceitamos a supracitada afirmação do Talmud eu, tendo vivido um longo tempo em Jerusalém, encontrei-me no limiar da eternidade. Depois de um longo caminho, tive a impressão de ter chegado na entrada de minha casa, na antecâmara da Jerusalém celeste<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Em Português há um livro que poderá servir para quem quer começar a aprofundar o pensamento hescheliano: ALEXANDRE G. LEONE, *A Imagem divina e o pó da terra. Humanismo sagrado e crítica da modernidade em A.J.Heschel*, Humanitas/Fapesp, 2002.

<sup>2</sup> A Cidade a que Heschel chama de Carismática é Jerusalém. Como ele mesmo sublinha. Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, Vermont 1967, 12: «Deus escolheu Jerusalém e a enriqueceu com a sua presença misteriosa; os profetas, os reis, os sábios, os sacerdotes fizeram dela a cidade onde se escudou e acolheu a voz de Deus. Aqui viveram aqueles que escutaram e colocaram por escrito os acontecimentos de Israel: os escribas e os amanuenses. Cf. P.R. SINDONI, *Heschel, Il Pathos di Dio*, 115. «Jerusalém condensa em si todo o drama da redenção messiânica que ainda tarda a chegar, o apressar ou cumprir-se da «hora» não depende só do homem, nem só de Deus, mas depende do complexo e inevitável entrelaçamento de duas estradas: nem o homem sem Deus, nem Deus sem o homem».

<sup>3</sup> A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 16.

<sup>4</sup> Arturo Lorini traduziu para o italiano a obra de Heschel *Israel: an Echo of Eternity*, bem como fez a sua introdução.

<sup>5</sup> A. LORINI, in A.J. HESCHEL, *Israele, Eco di Eternità*, Brescia 1977, 9.

Heschel começa o seu livro *Israel: an Echo of Eternity* qualificando a Cidade Santa, Jerusalém, como uma Cidade Carismática. Imediatamente o autor se reporta a um fato histórico, ocorrido em julho de 1967<sup>6</sup>. Ele mesmo recorda que é como se tivesse descoberto uma terra nova. Israel não é mais como antes. Percebe-se nas pessoas uma atitude de estupor. «É como se os profetas tivessem saído de suas tumbas. Suas palavras ressoam de modo novo. Jerusalém está em toda parte»<sup>7</sup>.

O que torna peculiar o referido fato, a que ele chama de milagre<sup>8</sup>, não é porque se trata de um evento imprevisível ou incrível, em que irrompe a presença do divino, mas porque tudo acontece envolvendo seres humanos que permanecem profundamente marcados por esta irrupção<sup>9</sup>. Heschel experimenta um misto de estupor e medo, questionando-se acerca de si mesmo, se é, de fato, digno de poder assistir e apreçar tal prodígio. Não

---

<sup>6</sup> Heschel recorda, nesta ocasião, que «a compaixão de Deus venceu». Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 16-17: Tanta destruição. Milhões de comunidades dispersas, como que tangidas. As Sinagogas queimadas, gente exterminada em câmara de gás. Nenhuma lápide, nenhuma tumba, todos os monumentos sem rosto. Na sua solidão o Muro das lamentações se torna um monumento comemorativo que não se pode alcançar, recordando todos os mortos e dispersos. Sem que ninguém esperasse, prossegue Heschel, o Muro, inundado de lágrimas e choro, torna-se objeto de nostalgia e de saudade em nossos corações». «Vinde, exaltemos com Iahweh, aclamemos o Rochedo que nos salva; entremos com louvor em sua presença, vamos aclamá-lo com músicas» (SI 95,1). Este muro, será chamado, mais tarde, o Muro da Consolação, como escreve Isafas: «Regozijai-vos, juntas lançai gritos de alegria, ó ruínas de Jerusalém! Porque Iahweh consolou o seu povo, ele redimiou Jerusalém. Iahweh descobriu o seu braço santo aos olhos de todas as nações, e todas as extremidades da terra viram a salvação do nosso Deus» (Is 52,9-10).

<sup>7</sup> A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 5.

<sup>8</sup> Cf. P.R. SINDONI, *Heschel, Dio è Pathos*. Referindo à palavra de Heschel acerca «do verdadeiro milagre sob a veste da normalidade», a autora escreve: «Eis a prova evidente, para Heschel, que o curso dos tempos não se consumou ainda, que a Bíblia está ainda no início da sua história, que a palavra sacra é um drama incompleto, que exige, também hoje, novas fases de atuação, novo desenvolvimento, ulteriores esforços pela conquista fadigosa e sofrida de outros momentos de santidade, de novos espaços de paz».

<sup>9</sup> A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 5.

entrei, sozinho, diz ele, em Jerusalém<sup>10</sup>. De todo o mundo, de cada ângulo da terra nós, que somos desta geração, fomos como que empurrados para o Muro das lamentações<sup>11</sup>, com o coração cheio de desejos, sem fim, de fidelidade, de sonhos<sup>12</sup>.

Que sensação provei! Experimentei aquilo que os meus antepassados só puderam sonhar; pensei no meu povo de Auschwitz. Tu, Jerusalém, eras mais inalcançável do que a lua, enquanto agora posso tocar as tuas pedras. Como poderei pagar a emoção que sinto nestes momentos? Os mártires de todas as gerações estão ainda na espera, no limiar do céu, porque não quiseram entrar no mundo ultra-terreno, pelo medo de esquecer Israel, que aqui ficou, como que grávido pelo mundo inteiro<sup>13</sup>.

Quanta alegria provou Heschel, neste instante, uma alegria que contagiou todo o seu povo, que o acompanhou numa grande caminhada. Marcados por tão grande emoção, seriam todos capazes, afirma Heschel, de renunciar ao paraíso, se devessem esquecer Jerusalém. Às vezes, prossegue o autor, as suas almas deixariam as portas do céu e correriam ao encontro, como numa peregrinação, das almas do povo hebreu, para a este povo recordar, que até o próprio Deus se encontra no exílio, e que Ele não entrará

---

<sup>10</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 13. Heschel exprime o mais profundo sentimento que o acompanhou à Terra Santa: «Não entrei na Cidade de Davi para visitar tumbas ou contemplar templos. Entrei para compartilhar as aspirações que foram nutridas pelo povo, estou aqui para entrar em comunhão com quem proclamou a palavra e com quem a conservou no livro dos livros que hoje nós lemos; entrei para me unir àqueles que divulgaram a fé e também aos que hoje continuam a nos ensinar».

<sup>11</sup> Este é um local que todos conhecem, ao menos aparentemente. Trata-se do resto do muro que rodeava, do lado ocidental, a colina e a esplanada do templo de Jerusalém. É chamado pelos hebreus de «muro ocidental». Foi construído por Herodes e não foi demolido durante a guerra romano-judaica de 66-70 dC. Em algumas épocas da história os hebreus não podiam aproximar-se deste local. Somente depois da guerra de 1967, aos hebreus foi concedido retornar ao Muro.

<sup>12</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 5-6. «Como uma fonte que nos acompanha, dia e noite, por decênios, séculos e milênios, fonte de lágrimas, séculos de testemunho e de espera».

<sup>13</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 6.

na Jerusalém celeste se o seu povo não entrar, antes na Jerusalém terrestre<sup>14</sup>.

O Rabino Heschel põe-se diante de Jerusalém e se põe a contemplá-la. Como ele mesmo diz:

Jerusalém! Continuamente tento compreender a força interior que de ti provém, uma força que inclui e transcende cada fadiga e tribulação. Só consegue compreender Jerusalém quem se põe em atitude de escuta diante dela. Sim, Jerusalém tinha ouvidos atentos, quando ninguém conseguia escutar, ouvidos capazes de prestar atenção às inventivas dos profetas, às suas consolações, aos seus lamentos ao longo dos séculos, às esperanças de numerosos sábios e santos. Seus ouvidos eram capazes de acolher as orações que confluíam dos ângulos mais remotos da terra. Jerusalém é, assim, mais do que um ouvido que escuta. Jerusalém é uma testemunha. Jerusalém é um Eco de Eternidade. Em Jerusalém o passado é presente. Jerusalém é a antecâmara do paraíso<sup>15</sup>. É como se eu sentisse que Hillel está aqui, ao meu lado, caminhando comigo. Aqui, toda a nossa história se faz atual e próxima<sup>16</sup>.

É neste sentido que o autor dirá que Jerusalém de viúva se tornou esposa. E isto porque Jerusalém é feita de homens, sua vida depende da nossa presença. Se permanece sozinha é deserta e insignificante; com Israel se torna uma testemunha, um anúncio.

---

<sup>14</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 6. Este é o teor de uma citação que Heschel faz do Zohar, I, 1b. O Zohar é uma obra que foi atribuída a um místico do séc. II dC, chamado Simeão bar Yochai. O chamado Séfer Há-Zohar (livro do esplendor), do séc. XIII, foi nele inspirado. Este livro representa a Suma das doutrinas cabalísticas da Idade Média.

<sup>15</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 7. E dentro deste horizonte pode-se ler o texto de Is 2,2-4: «Dias virão em que o monte da Casa de Iahweh será estabelecido no mais alto das montanhas e se alçará acima de todos os outeiros. A ele acorrerão todas as nações, muitos povos virão, dizendo: vinde, subamos ao Monte de Iahweh, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos instrua a respeito dos seus caminhos e assim andemos nas suas veredas. Com efeito, de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém a palavra de Iahweh».

<sup>16</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 7.

Jerusalém estando sozinha, é uma viúva; na companhia de Israel é uma esposa<sup>17</sup>.

As vias de Iahweh são imperscrutáveis, mas não por isso o hebreu deixa de recordar a sua parte de empenho e de responsabilidade, fazendo com que estas sejam, realmente, as suas vias<sup>18</sup>. Heschel recorda isto, seja durante toda a Idade Média, como também na Idade Contemporânea, quando muitos hebreus, aderentes das correntes místicas, levantam-se, no coração da noite, exceto durante o Shabat, e com as vestes de penitência, sentados por terra, rezam e se lamentam pela cidade destruída, pedindo perdão pelos próprios pecados, sentindo-se responsáveis pelo retardo da manifestação da glória de Deus e do advento do reino<sup>19</sup>.

Jerusalém é a mãe de Israel, afirma o Rabino. Nós entramos nos teus muros como filhos que sempre veneraram a Ti, que nunca te foram estranhos. A confirmação, por nós, da tua importância custou-nos lágrimas, espalhadas pelo nosso povo, por quase dois mil anos. Não conseguíamos sorrir, como se tivesse morrido o nosso sorriso, quando pensávamos nas tuas ruínas. Tu não és um lugar sacro, uma meta de peregrinos, um lugar onde se vai por uns instantes<sup>20</sup>. Onde quer que eu vá, vou sempre a Jerusalém, disse o Rabino Nachman<sup>21</sup>.

Jerusalém se torna, enfim, uma esperança, um símbolo de todas as esperanças. Torna-se um motivo recorrente de nossa liturgia, para que, assim quando a nossa mente não vivia em estado de consciência acerca de sua importância, as palavras nos

---

<sup>17</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 13.

<sup>18</sup> Cf. P.R. SINDONI, *Heschel, Il Pathos di Dio*, 115.

<sup>19</sup> É nesta linha de pensamento que podemos ler o texto de S. SCHECHTER, *Studies in Judaism*, Philadelphia 1908.

<sup>20</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 16.

<sup>21</sup> O Rabino Nachman é um dos últimos grande expoentes da tradição hassídica, que viveu na Polônia, entre os séculos XVIII e XIX.

recordavam, as palavras evocavam a restauração de Sião e isto torna mais intenso a ligação, o apego<sup>22</sup>.

## **b) O Significado da História<sup>23</sup>**

A história é a verdade de um povo. O que pode conferir significado à história? Na visão de Heschel, esta tarefa compete à promessa de um futuro. Ele mesmo escreve: Se não há uma promessa, a história perde o seu sentido. O seu significado consiste, precisamente, na visão e na antecipação, no viver o futuro no presente<sup>24</sup>. Em outras palavras, «este é um dos dons que a Bíblia oferece ao mundo: uma promessa, uma visão e uma esperança»<sup>25</sup>.

A história tem uma memória<sup>26</sup>. No dizer do Rabino Heschel, a história não é um vazio suceder-se de acontecimentos, privados de duração, mas ela tem uma memória que registra os seus

---

<sup>22</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Grandezza Morale*, 99-101. Não é possível, sob nenhuma hipótese e em nenhum momento da vida, esquecer Jerusalém. Do nascimento até a morte! Heschel recorda uma prática que traduz quanto foi dito: «Quando o neonato é acolhido na comunidade, vem pronunciada uma bênção «para que possa ser digno de subir para Jerusalém nas três festividades da peregrinação santa»; e na hora da morte, no momento do funeral, é colocado, sob a cabeça do defunto, um saco de terra santa». Em outras palavras, isto quer dizer, «na vida ou na morte, nunca nos separamos de Jerusalém».

<sup>23</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 50. Heschel faz uma observação inicial acerca da história: «A verdadeira história não é simples repetição, não se move em um círculo fechado. A história tenta sempre vias novas, procurando novas metas». Neste mesmo livro (131) o autor observa: «A presença de Deus na história não deve ser entendida como uma sua ingerência indevida. A vontade de Deus não coage a ação do homem. A Sua presença deve ser assimilada como a correspondência entre a promessa e os acontecimentos da história, confrontados com esta promessa de Deus, que é um sinal da sua presença. A história sagrada é a coordenação dos vários sinais de sua presença».

<sup>24</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 113.

<sup>25</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 113.

<sup>26</sup> É partir desta afirmação que o Rabino Heschel escreve: cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 14-15: «Aqui a história não é consumada. Aqui se descobre o valor eterno da palavra e a eternidade do tempo. Cada vez que caminho em Jerusalém parece-me que estou entrando em um mundo em estado de êxtase, de sentimentos inundados de uma paz que conhece a eternidade».



momentos<sup>27</sup>. O homem pode esquecer, mas a história não. A função da memória da história é manter juntos desespero e esperança, provocação e promessa, a despeito da tendência a rejeitar toda a esperança<sup>28</sup>. O homem, olhando a sua história, necessita de algo que garanta o seu futuro. E à medida que reflete sobre o seu futuro, ele se recorda de que Deus prometeu!

A memória da história é, pois, a fidelidade à promessa. Neste sentido, o autor diz: «O homem não pode viver sem a garantia do futuro; sua vida não tem sentido se não há uma ligação com seu passado»<sup>29</sup>. Isto considerando que a verdadeira história se projeta na continuidade. Por que os nossos corações e as nossas mentes, pergunta Heschel, dirigem-se, através dos séculos, à Terra de Israel? Por causa da memória, da esperança, da aflição<sup>30</sup>. É a partir disso que o autor afirma que «a memória hebraica, antes de se transformar em uma coleção de reminiscências mofadas, foi mantida em vida pela força da esperança e da imaginação, transcendendo os limites do crer. Aquilo que parecia incrível, torna-se uma conclusão a que se chega de forma antecipada»<sup>31</sup>.

É necessário, assim, cultivar, no coração, a certeza de que existe uma ação histórica que é permanente e que confere significado a cada momento de nossa história, a ação de Deus: «Compreendi que tudo o que Deus faz é para sempre» (Ecle 3,14). Esta referência à Escritura nos faz afirmar que, mesmo se o que

---

<sup>27</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 113. O que Heschel afirma a este respeito é muito forte, mas é histórico, por esta razão deve ser citado: «O homem, com frequência, procurou destruir a história, todavia a memória da história irrompe, continuamente, procurando reparar os absurdos causados pela brutalidade e pelas tendências suicidas».

<sup>28</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 113.

<sup>29</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 113.

<sup>30</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Grandezza Morale*, 99. «Há uma corrente lenta e silenciosa, uma corrente não de esquecimento, mas de memória, que se deve tocar sempre, antes de entrar no reino da fé. Crer é recordar. A substância da nossa verdadeira essência é a memória, o nosso estilo de vida consiste em manter o memorial, em articular a recordação». Cf. também, ID., *Man Is Not Alone*, 161ss.

<sup>31</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Grandezza Morale*, 99.

existe pode desaparecer, há alguns momentos da história que não podem ser apagados. Há uma dimensão da história, sustenta Heschel, onde opera uma força misteriosa e escondida, em que a força primordial da promessa e da experiência assume, aos poucos, as formas dos acontecimentos<sup>32</sup>.

O Rabino Heschel, referindo-se à História de Israel, faz uma afirmação digna de nota:

Nós somos um povo em que o passado continua a viver, o presente é inconcebível sem os momentos da sua história passada. A visão dos profetas teve a duração de um momento, um momento destinado a durar para sempre. O que aconteceu um vez, torna-se a história de todos os dias<sup>33</sup>.

É na consideração deste elemento, que é possível preencher o tempo com boas obras. «E compreendi que não há felicidade para o homem a não ser a de se alegrar e fazer o bem durante sua vida». (Ecl 3,12).

A história pode ser vazia no seu significado, quando os acontecimentos se sucedem sem que haja uma relação com os empenhos do passado. A história se dá a partir do encontro entre a eternidade e o tempo. Da mesma forma que a palavra é um véu para a revelação e um sinal para a oração, assim a história inclui a ação de Deus no mundo e, ao mesmo tempo, fornece a matéria com que o homem estrutura a sua atividade no tempo<sup>34</sup>.

Face ao exposto, Heschel sublinha a força do espírito de Deus que age na história. O espírito de Deus, diz Heschel, fala continuamente através dos acontecimentos da história, e a nossa vida representa, continuamente, um impacto com o espírito.

---

<sup>32</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 114.

<sup>33</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 114. Heschel enumera dois momentos marcantes da História Bíblica. Em Gn 18,16-33, onde Abraão, ainda hoje, coloca-se diante de Deus, tentando salvar Sodoma e Gomorra; e Natã, diante do rei Davi, como se fosse hoje, diz-lhe: «Esse homem és tu!» (2Sm 12,7).

<sup>34</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 129-130.

Quando o homem transcura o espírito, sente-se ofuscado na sua memória da história; é aí que o espírito age, agitando-o, no bom sentido, a fim de que ele reconheça que aquilo que é, depende, unicamente, da graça de Deus<sup>35</sup>.

### c) O significado da Terra<sup>36</sup>

A observação inicial do autor merece nossa atenção, especialmente pelo fato de conhecermos a sua retidão de vida, o seu respeito pelo ser humano, independentemente da religião que professa. Heschel faz uma constatação que, de seguro, nenhum historiador poderá contestar. Não há precedentes, diz o autor: um povo desprezado, perseguido, disperso em todos os ângulos da terra, tem ainda a coragem de sonhar com a reconquista da própria autenticidade e da própria liberdade na Terra Santa<sup>37</sup>. Dentro deste contexto, seguindo as pegadas de Heschel, é possível confirmar que Israel é um verdadeiro milagre, sob a veste da normalidade. As coisas conservam o seu aspecto natural, mas escondem aquilo que constitui uma radical surpresa. São reconstruída faz-se portadora de um novo modo de conceber as coisas, revela-nos como a história está unida ao mistério<sup>38</sup>.

---

<sup>35</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 130. Dentro deste horizonte, o Rabino recorda que «a nossa vida é determinada pelo pecado do homem e pela graça de Deus». Certamente, para o autor - e aqui ele se aproxima da visão cristã, do binômio pecado/grança - o povo envolveu-se no pecado através do indivíduo, enquanto o indivíduo, através do povo eleito, participa da graça de Deus».

<sup>36</sup> Este argumento será tratado, neste momento, a partir da concepção hescheliana da Terra, que inclui, decerto, um grande respeito pelos Árabes. Em um de seus livros, *Israel: An Echo of Eternity*, Heschel dedica um Capítulo à temática, com uma boa documentação, acerca da relação entre Judeus, Cristãos e Árabes. Não será tratada, aqui, a questão dentro da perspectiva atual, tendo como base aquilo que a Imprensa divulga! No Epílogo, quando apresentaremos alguns itens de Avaliação teológica, então faremos algumas observações, de ordem crítica, sobretudo.

<sup>37</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 43. «Abandonar a nossa terra», ressalta Heschel, «significaria zombar de todos os nossos ardentes desejos, das nossas orações e dos nossos empenhos».

<sup>38</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 43.

Ao escrever isto, Heschel não pretendeu contar com a comiseração dos homens. Ele experimentou na própria pele tudo isto. Mas, por outro lado, a confiança no seu Deus o fez continuar caminhando com esperança. Por esta razão, escreve:

Por quase dois mil anos, por várias vezes ao dia, na alegria e na dor, nós rezamos a ti, Jerusalém, o ritmo das nossas orações nunca perdeu o seu vigor. O que é que nós pedimos ao Senhor, cada Sábado, no ato de abrir a Arca para dela tirar a Torah? «Pai Misericordioso, trata bem Sião, reconstrói os muros de Jerusalém. Na verdade, nós temos fé somente em Ti, Deus rei glorioso, supremo, eterno Deus»<sup>39</sup>.

A realidade era duríssima. Mas no coração e na mente de cada membro do povo de Israel, em todos os lugares, tinha sido cravada a imagem da terra. Todos viviam como se entre o povo e a terra tivesse acontecido um noivado<sup>40</sup>. E isto fazia com que a esperança não desaparecesse. Como escreve o Rabino: «despidos de tudo e dispersos, humilhados e perseguidos, sentíamos que não permaneceríamos longe, para sempre. Choramos por ti, jamais deixamos de fazê-lo. Da agonia germinou a esperança»<sup>41</sup>.

Ao considerarmos a experiência dos profetas, especialmente aqueles que experimentaram, na pele, as conseqüências do exílio, sentimo-nos estimulados em nossa vivência da fé, porque, segundo eles, «o exílio foi necessário porque é isto que vai determinar um retorno. Mas retorno é teshuvah, e teshuvah é o caminho da redenção; é, assim, o exílio causa-efeito da própria redenção»<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 43.

<sup>40</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 44. Heschel sublinha a existência de um contrato formal, como um noivado, entre o povo e a sua terra. «A nossa vida está ligada através de contratos. Não podíamos trair o nosso empenho e renunciar à promessa feita».

<sup>41</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 44. «O amor pela nossa terra nos foi imposto como um comando explícito; não é fruto de um instinto o do sentimento».

<sup>42</sup> Cf. L. SESTIERI, *La Spiritualità Ebraica*, 54. «Se o exílio é uma dilaceração no corpo de Israel, a observância dos preceitos, a Torah, com as suas mitzvót e com a teshuvah curarão a ferida, e levarão do exílio à redenção».

Como escreve Safran: «O exílio gera a força para a redenção, torna possível o resgate, e é a sua própria causa»<sup>43</sup>.

O povo de Israel enfrentou diversos momentos, nos mais variados períodos da história, onde este empenho foi testado. A experiência do Exílio<sup>44</sup> foi uma prova difícil, mas, nesta ocasião, a força interior do povo, acompanhado de seus líderes, particularmente os profetas, «fez com que a promessa se tornasse oração; a oração um sonho; e o sonho se torna paixão, dever e dedicação»<sup>45</sup>.

No conceito material de exílio, comenta L. Sestieri, a contraparte é a terra de Israel, como naquele espiritual é a redenção. Mas, considerando que o hebraísmo não separa o material do espiritual, pode-se concluir que o oposto de exílio é a redenção na terra de Israel. É assim que o hebraísmo une, mais uma vez, o que poderia parecer caminhos separados: o espiritual e o material<sup>46</sup>.

Sabe-se que, dentro do ensinamento dos Rabinos, da observância dos mandamentos dependerá a posse da Terra de Israel, e somente ali poderá cumprir-se toda a Torah. Heschel fala de um apego profundo à terra, na espera da reorganização da vida hebraica em Israel. Como diz ele, «isto faz parte do nosso ser. É um

---

<sup>43</sup> A. SAFRAN, *Israel dans le temps et dans l'espace*, Paris 1980, 114. L. SESTIERI, *La Spiritualità Ebraica*, 54-55: «A redenção coincidiria com a renovação do centro destruído, renascido não só pela vontade divina, mas se ergueu da própria desgraça e da persistência do exílio».

<sup>44</sup> Cf. L. SESTIERI, *La Spiritualità Ebraica*, 53. «Exílio é um outro conceito importante na espiritualidade hebraica, ligado inevitavelmente à redenção, enquanto pode ser concebido como exílio da redenção. A realidade dos exílios de Israel sempre ocupou o pensamento hebraico, desde os tempos mais antigos, e se chegou a considerá-los como algo inerente e imprescindível à própria história da humanidade. O poeta Yehudah HaLevi dizia que o exílio faz parte dos “desígnios velados da sabedoria divina”, enquanto Isaac Luria «ensinava que os exílios são necessários ao mundo».

<sup>45</sup> A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 44.

<sup>46</sup> Cf. L. SESTIERI, *La Spiritualità Ebraica*, 53.

fato essencial e existencial, único, sui generis, presente em nossas esperanças e radicado em nossos corações»<sup>47</sup>.

De fato, prossegue o autor, abandonar a terra significaria repudiar a Bíblia; e a Bíblia é o nosso destino<sup>48</sup>. Não se pode abandonar a terra. Neste sentido afirma Heschel: a nossa vida não é uma livre associação com a Bíblia: nós somos suas criaturas, seus frutos. O seu espírito é o nosso destino. E o nosso destino é ser uma comunidade onde a Bíblia continua a viver<sup>49</sup>. Dentro deste horizonte presume-se que a Terra de Israel enche as páginas da Bíblia, não somente aquelas do Pentateuco, mas de todos os livros, dos históricos aos proféticos, aos sapienciais<sup>50</sup>.

Existe uma palavra, no vocabulário teológico, que é muito importante, um conceito determinante para entender a Bíblia e toda a história do encontro de Deus com seu povo. Esta palavra é aliança<sup>51</sup>. É por esta razão que o Rabino Heschel escreve: «A Bíblia

---

<sup>47</sup> A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 44. Este empenho, recorda Heschel, «não devemos trair. Três mil anos de fidelidade não podem ser jogados no espaço», conclui.

<sup>48</sup> A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 44. Neste mesmo livro (46) Heschel escreve, a este propósito: «A Bíblia, em nossa vida, é uma força vivificante que antecipa o futuro e ilumina o passado. Não é um documento sigilado e já ultimado. É um livro que está, ainda, em fase de composição, um livro que continua chega até os nossos dias, porque foi escrito em continuação, ou seja, é sempre em fase de descoberta e de revelação. Também nós, hoje, estamos envolvidos com as visões da Bíblia».

<sup>49</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 45. Heschel fala em nome de seu povo: «Nós nos sentimos perto do povo da Bíblia, aqueles que foram escravos no Egito, que ficaram parados aos pés do Sinai. Continuamos a ser testemunhas, plenos do estupor dos profetas».

<sup>50</sup> Cf. L. SESTIURI, *La Spiritualità Ebraica*, 54.

<sup>51</sup> Cf. J. BEHM – G. QUELL, «diathkh», in G. KITTEL, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, II, Brescia 1966, 1017-1094. Quase sempre nos LXX o substantivo diathéke traduz a palavra hebraica berit. Sabe-se que não foi uma empresa fácil encontrar a etimologia de berit e, inclusive, os diversos autores optaram por uma etimologia vária. A nós interessa, de perto, a configuração que a palavra adquiriu no ambiente do Antigo Testamento, em particular, dada a natureza do nosso trabalho. Como afirma G. Quell: «Os enunciados do Antigo Testamento onde ocorre o termo berit, distinguem-se em dois grandes grupos. A

é, essencialmente, a história da aliança entre Deus e Israel, a história de Deus à procura do homem, através de recíprocas promessas, entre Deus e Israel. A Bíblia continua a viver porque a aliança perdura até agora»<sup>52</sup>. Pode-se afirmar, com o autor, aproximando-nos da idéia ora exposta, que Deus tem um projeto. A Bíblia é a interpretação deste projeto. Deus tem um sonho. E a tarefa de Israel é interpretá-lo<sup>53</sup>.

O apelo do profeta ressoa, ainda hoje, nos quatro cantos do mundo: «Fui eu que revelei, que salvei e falei, nenhum outro Deus houve jamais entre vós. Vós sois as minhas testemunhas – oráculo

---

um pertencem aquelas expressões nas quais o termo indica uma forma, rigorosamente regulada, de associação que Deus estreita com os homens, ou também uma associação dos homens com Deus; o outro grupo configura no pacto uma associação, em parte jurídica, em parte sacral, de homens com outros homens. As discussões são inúmeras, as hipóteses incontáveis. O importante é saber que Deus, na sua vontade, elegeu os filhos de Israel, os quais, por sua vez, escolheram Deus, com quem fizeram um pacto. A aliança de Deus com seu povo é narrada, em diversas passagens do Antigo Testamento, desde a Aliança com Noé (Gn 9, 8-17), conhecida como a aliança com a humanidade inteira, a aliança com Abraão, em duas versões (Gn 15; 17), a aliança mosaica (Ex 24,3-8); o tema da aliança foi amplamente tratado pelos profetas, onde Deus promete fazer aliança com seu povo ( Is 55,3); “Porei no vosso íntimo o meu espírito e farei com que andeis de acordo com os meus estatutos...” Finalmente o texto do profeta Jeremias, único texto do Antigo Testamento que usa o qualificativo «nova» para designar a referida aliança : “Eis que selarei com a casa de Israel (e a casa de Judá) uma aliança nova...” (Jr 31,31-34) Sabemos, por fim, que o Novo Testamento, também introduziu a palavra aliança no seu vocabulário, revestida de um significado teológico ímpar. É a palavra que expressa o modo de ser de Deus, particularmente dentro da perspectiva da salvação que aconteceu a partir do Dom do Seu Filho «Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue» (1Cor 11,25).

<sup>52</sup> A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 46.

<sup>53</sup> A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 47. O Rabino Heschel, neste particular, recorda que a civilização ocidental é, naturalmente, o fruto de um confronto da humanidade com a Bíblia. Isto equivale a dizer que o seu progresso intelectual, a sua visão moral, formaram-se, pouco a pouco, por meio do contínuo impacto com a Escritura. Este impacto está diminuindo, no momento. Nós assistimos a uma radical eliminação da Bíblia da vida social, em muitas partes do mundo.

de Iahweh – eu sou Deus, desde toda a eternidade eu o sou [...]» (Is 43,12-13). Heschel cita, neste contexto, um texto de um Rabino do segundo século: «até quando vós sereis minhas testemunhas, eu serei Deus; se cessardes de fazê-lo, eu não serei mais Deus». Esta é, segundo o autor, uma das afirmações mais ousadas da literatura judaica, uma declaração plena de significado. E o Rabino Heschel a interpreta assim: «se não houver testemunhas, não se realiza o encontro com Deus»<sup>54</sup>.

Dentro deste contexto, reportando-nos a um período longínquo da história bíblica, podemos recordar, agora, um texto sagrado, que é a voz do poeta, que representa o povo que chora a sua dor, longe de sua terra<sup>55</sup>, a Cidade de Jerusalém. O texto a que nos referimos é o Salmo 137. O retorno a Sião, como pensa Heschel, é um grande evento, sem precedentes, um acontecimento *sui generis*, para o qual não há modelos ou analogias<sup>56</sup>.

À beira dos canais de Babilônia  
nos sentamos, e choramos  
com saudades de Sião;  
nos salgueiros que ali estavam  
penduramos nossas harpas.  
Lá, os que nos exilaram  
Pediam canções,  
Nossos raptos queriam alegria  
«Cantai-nos um canto de Sião»!  
Como poderíamos cantar

---

<sup>54</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*, 45-46. E completa Heschel: «O fato é que há um mistério, um enigma, um segredo do passado que precisa ser esclarecido. A condição para que Deus se faça presente é que deve haver testemunhas». Nesta perspectiva, afirma Heschel: «Sem o povo de Israel, a Bíblia permanece uma simples literatura. Graças ao povo de Israel a Bíblia se torna uma voz, uma força, uma provocação».

<sup>55</sup> Poderíamos colocar este Salmo no primeiro item deste capítulo. Mas preferimos colocá-lo aqui, para visualizar, a partir de um Salmo, o tema da terra, associado a Jerusalém. O fato é que, no referido item, foram colocados outros textos escriturísticos que apresentam, de forma completa, o amor pela Cidade Carismática, que é Jerusalém.

<sup>56</sup> Cf. A.J. HESCHEL, *Israel: An Echo of Eternity*.



Um canto de Iahweh  
Numa terra estrangeira?  
Se eu me esquecer de ti, Jerusalém,  
Que me seque a mão direita!  
Que me cole a língua ao paladar,  
Caso eu não me lembre de ti,  
Caso eu não eleve Jerusalém  
Ao topo da minha alegria!  
Iahweh, lembra  
O dia de Jerusalém  
Aos filhos de Edom,  
Quando diziam: «Arrasai-a!  
Arrasai-a até os alicerces»!  
Ó devastadora filha de Babel,  
Feliz quem devolver a ti  
O mal que nos fizeste!  
Feliz quem agarrar e esmagar  
Teus nenês contra a rocha!

Uma primeira palavra acerca deste Salmo, reporta-nos à sua genealogia poética e humana, referida pelos dados bíblicos acerca da queda de Jerusalém e do Exílio babilônico. A temática cantada pelo poeta encontra eco na descrição das últimas horas de Sião<sup>57</sup>, no grito angustiado das Lamentações, o testemunho de Ezequiel, o profeta exilado<sup>58</sup>, o apelo do segundo Isaías a fim de que o povo volte à Palestina, porque o sofrimento acabou: «Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém e dissei-lhe, em alta voz, que o seu serviço está cumprido, que a sua iniquidade está expiada, que ela recebeu da mão de Iahweh paga dobrada por todos os seus pecados» (Is 40, 1-2). O Sl 137 é quase o lamento oficial deste período, é a sigla destes anos ornados de sangue e de pranto.

---

<sup>57</sup> Esta temática é abordada pelos textos: 2Rs 21-25; Jr 4; 8-9; 14-15; 18-19; 27-29; 37-40.

<sup>58</sup> Cf. Ez 12; 17; 20;

O poeta hebreu espanhol, Jehudá Ha-Levi<sup>59</sup>, reporta-se, em um poema, de forma dramática, a Sião destruída. O amor por Sião se confunde com o amor pelo próprio Deus. Não existe nenhuma alegria, por causa de Sião, apresentada na imagem da mãe aflita que chora o amargo destino de seus filhos dispersos<sup>60</sup>.

A riqueza simbólica do salmo salta aos olhos. Duas imagens emergem na abertura e no final do texto: No início, aparece o tema da água que escorre dos canais da Babilônia e as lágrimas que escorrem dos canais dos olhos. Esta simbologia vem confirmada pelo texto: «Meu olho derrama torrentes de lágrimas por causa da destruição da filha de meu povo» (Lam 3,48). No dizer de Ravasi, isto significa «o correr irreversível do tempo e a sua fuga incontrolável»<sup>61</sup>. À conclusão do Salmo aparece uma imagem inversa, a rocha, símbolo do combate e do esforço realizado para dominar o destino funesto. Desta forma, o salmo é estruturado sob a antítese de duas constelações simbólicas: uma que mostra o homem submisso ao tempo e ao seu destino e a outra que o apresenta como um lutador, conquistador, dominador. Do homem sentado ao homem de pé<sup>62</sup>.

É muito interessante a proposta de leitura feita por Ravasi<sup>63</sup>, sobretudo porque nos ajuda a entender o que significa a terra para o povo de Deus, a terra de que está falando Heschel. Ravasi propõe uma leitura a partir de três simbologias, que têm como ponto de coordenação e como epicentro o homem. A primeira, chamada de trajetória espacial, é ilustrada pelos esquemas urbanos, postos em

---

<sup>59</sup> Jehudá Ha-Levi viveu no século XII. CF. J. HA LEVI, *Liriche Religiose e Canti di Sion*, Roma 1987, 9-48. Eis alguns pequenos trechos deste autor: Como todos os amantes de Sião, ele cantou e meditou: «Se tivesse asas, poderia voar dos lugares mais remotos em direção a Jerusalém. Levarei meu coração em pedaços e o colocarei entre tuas ruínas. Prostrar-me-ei com o rosto por terra, porque me dão conforto as tuas pedras, e alegria o teu pó. O ar de tua terra é vida para as nossas almas».

<sup>60</sup> G. RAVASI, *I Salmi*, III, Bologna 1986, 749.

<sup>61</sup> G. RAVASI, *I Salmi*, III, 760.

<sup>62</sup> Cf. L. MONLOUBOU, *L'imaginaire des Psalmistes*, Paris 1980, 118.

<sup>63</sup> Cf. G. RAVASI, *I Salmi*, III, 760.

radical dialética: Jerusalém-Sião / Babilônia-Edom. Há uma terra estrangeira (vs.4) da qual se é circundado (vs.2); há uma terra amada, colocada acima de tudo (vs.6). Há um rio babilônico, que gera rios de lágrimas, uma água caótica, de morte e de destruição (vv.1.7-8); e há uma terra segura, Sião, de quem a recordação é contínua, lancinante, mas fonte de esperança e de restauração.

A Segunda trajetória<sup>64</sup>, a temporal, conhece um passado, o exílio (vv.1-4), um presente (vv.5-6), em que domina de forma viva e palpitante a presença de Jerusalém, como recorda o profeta Jeremias: «Vós que escapastes da espada, parti! Não vos detenhais. De longe pensai em Iahweh. Que Jerusalém esteja em vosso coração» (51,50). Há também um futuro, marcado pela certeza de que Iahweh se recordará, intervindo com o seu justo juízo. Sião é o centro da vida, é o sustento do povo, é a única razão para continuar vivendo<sup>65</sup>. É, neste sentido, que lemos o texto de Santo Agostinho: «A nossa presente e suma felicidade encontra-se lá onde podemos experimentar gozo em Deus»<sup>66</sup>.

A terceira trajetória, aquela psicológica e somática, fundamentada pela própria recordação. Esta recordação explica a dor do passado e justifica a esperança de um futuro, em que se poderá cantar, de novo. Nesta recordação, observa Ravasi, envolvem-se a mão, a língua, o palato, a voz, a cabeça, a alegria, a mente, em uma palavra, todo o ser humano (vv 5-6). A saudade de Jerusalém torna-se operosa e significa, também a rejeição da Babilônia e de sua embriaguez<sup>67</sup>. Significa, assim, a rejeição do mal. Esta se manifesta no desprezo final: «Iahweh relembra o dia de Jerusalém aos filhos de Edom, quando diziam, ‘Arrasai-a! Arrasai-a até os alicerces’. Ó devastadora, filha de Babel, feliz

---

<sup>64</sup> Cf. G. RAVASI, *I Salmi*, III, 760. O passado se faz, assim, tempo e história.

<sup>65</sup> Cf. G. RAVASI, *I Salmi*, III, 760.

<sup>66</sup> Cf. G. RAVASI, *I Salmi*, III, 761.

<sup>67</sup> Cf. G. RAVASI, *I Salmi*, III, 761. O salmista prefere, comenta Ravasi, guardar dentro de si a fonte inexaurível de suas lágrimas. Sião já é mais querida de que qualquer outra alegria.

quem devolver a ti o mal que nos fizeste! Feliz quem agarrar e esmagar teus nenês contra a rocha (vv 7-9)<sup>68</sup>.

*\*Prof. Dr. Pe. Antonio Thadeo de Oliveira Xavier*  
Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma,  
Professor da Univ. Católica de Salvador e Faculdade S. Bento da Bahia.

---

<sup>68</sup> Cf. G. RAVASI, *I Salmi*, III,761: «Em prática aparece aqui uma rejeição na relação com cada poder satânico, expressa em uma linguagem simbólica radical. Típica do mundo semítico, não tanto para radiar do saltério do novo povo de Deus, mas para compreender como fé na justiça divina e como empenho por uma adesão à luta beata contra o mal em si e nas suas ramificações e propagação».